

Xenofobia contra sul-asiáticos no Ensino Superior: estudantes em Coimbra denunciam discriminação

Radicalização de ideologias anti-imigratórias preocupa académicos. Atitudes quotidianas hostis motivam doutor pela UC a “querer sair da instituição o quanto antes”.

POR JOANA GOMES E ISABELLA PEREIRA

Em Lisboa, Rana Taslim Uddin, líder da comunidade do Bangladesh, relatou o aumento de comentários negativos e discriminatórios contra imigrantes sul-asiáticos nos últimos anos. Alunos da Universidade de Coimbra (UC) de origem sul-asiática lamentam passar por desafios semelhantes na cidade dos estudantes. Os episódios vão desde o preconceito no quotidiano até dificuldades institucionais. Discentes concordam que, nos últimos anos, tem se acentuado uma “polarização de discursos anti-imigrantes”, o que impacta diretamente as suas experiências pessoais e académicas.

Um estudante paquistanês, atualmente a viver em Coimbra e a frequentar a Universidade de Aveiro, descreve uma realidade marcada por episódios frequentes de preconceito. Engenheiro de software há 10 anos, explica que veio para Portugal de modo a realizar o seu mestrado. Nesse sentido, expõe que apesar de pagar propinas mais elevadas enquanto estudante internacional, sente-se muitas vezes “desamparado pelas instituições”.

O estudante pontua que os episódios se repetem frequentemente. Descreve situações em que, ao rezar ou ao usar vestimentas associadas à sua fé, é alvo de “comentários, gestos e sons depreciativos” por parte de pessoas na rua. Um caso que partilha como exemplo envolveu o seu irmão, que realizava uma oração islâmica, algo que “exige silêncio”, dentro da sua loja. Durante o momento, um indivíduo entrou, furtou uma mercadoria e fugiu. Apesar de a polícia ter sido chamada e haver provas, o caso não teve consequências. O estudante expressa possuir desconfiança em relação à forma como as autorida-

des lidam com “situações que envolvem muçulmanos”.

O imigrante aponta também dificuldades institucionais. Refere atrasos no acesso a apoios e falta de resposta por parte de entidades como a Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) mesmo em situações urgentes. Nesse sentido, lembra que precisou voltar ao seu país devido à sua mãe estar hospitalizada, e não conseguiu apoio por parte de sua universidade, nem da entidade pública.

Outro residente em Coimbra, também paquistanês e doutorado pela UC, descreve como o tempo alterou a sua experiência estudantil em Portugal. Conta que, após um início marcado por acolhimento, nos últimos anos passou a sentir atitudes mais hostis no quotidiano, levando-o a “querer sair da instituição o quanto antes”. No ambiente universitário, relata um episódio de discriminação no qual um colega afirmou que “os muçulmanos só querem matar todos os cristãos do mundo”, o que o deixou chocado, sobretudo por ocorrer em meio académico.

Ainda neste contexto, o entrevistado aponta que, nos diplomas da UC, alguns elementos permanecem em português mesmo nas versões traduzidas para inglês. O antigo estudante questiona a razão dessa prática e a “base legal que a sustenta”. Refere a possibilidade de uma tradução 100% na língua inglesa como forma de “facilitar o uso internacional do documento por estudantes estrangeiros”.

Amit Singh, cientista social do Centro de Estudos Sociais da UC (CES), especialista em Direitos Humanos e originário da Índia, destacou que as xenofobias dirigidas às comunidades sul-asiáticas em Portugal inserem-se num con-



Fotografia por Joana Gomes

texto europeu mais amplo de “polarização social e política”. No caso de Coimbra, aponta para a “emergência de pequenos grupos de orientação neonazistas”, e refere que estes tendem a utilizar as mídias e espaços informais para a disseminação de mensagens de ódio, principalmente ligadas à “ameaça cultural e substituição populacional”.

Segundo o investigador, a ação política local contra esta retórica abrange iniciativas locais, institucionais e associativas, que promovem a inclusão e o diálogo intercultural. No entanto, enfatiza que a política tradicional ainda revela “dificuldades em abordar diretamente o problema da xenofobia”, optando por enquadrar-se em “discursos genéricos sobre integração”. Para Amit Singh, esta abordagem pode ser “insuficiente” face à especificidade da problemática.

Por fim, evidencia que Coimbra, enquanto cidade universitária com uma longa tradição humanista, possui condições para enfrentar estes desafios. O cientista social reforça ainda a necessidade de mecanismos de denúncia. Contudo, alerta que

depende de um “compromisso efetivo entre sociedade civil, academia e políticos”.

O aumento das ações discriminatórias contra os sul-asiáticos é um ponto de convergência dos três depoimentos. Os entrevistados relacionam esse crescimento à maior aceitação de “discursos anti-imigração no espaço público”. Segundo os relatos, essa tendência está associada à popularidade de ideologias de extrema-direita e ao fortalecimento de mensagens políticas com caráter anti-imigrante. Como manifestação deste fenómeno, destacam o partido CHEGA.

Já no sudeste asiático, David Barreto, estudante timorense da Faculdade de Direito da UC, destaca “barreiras linguísticas e a percepção de diferenças culturais” como os principais desafios enfrentados em contextos como Coimbra. Ressalta que, como estudante imigrante, sente que os estudantes locais são mais “individualistas” e que iniciativas culturais são “fundamentais para combater a exclusão”.